

VILLAS-BÔAS CORRÊA \*

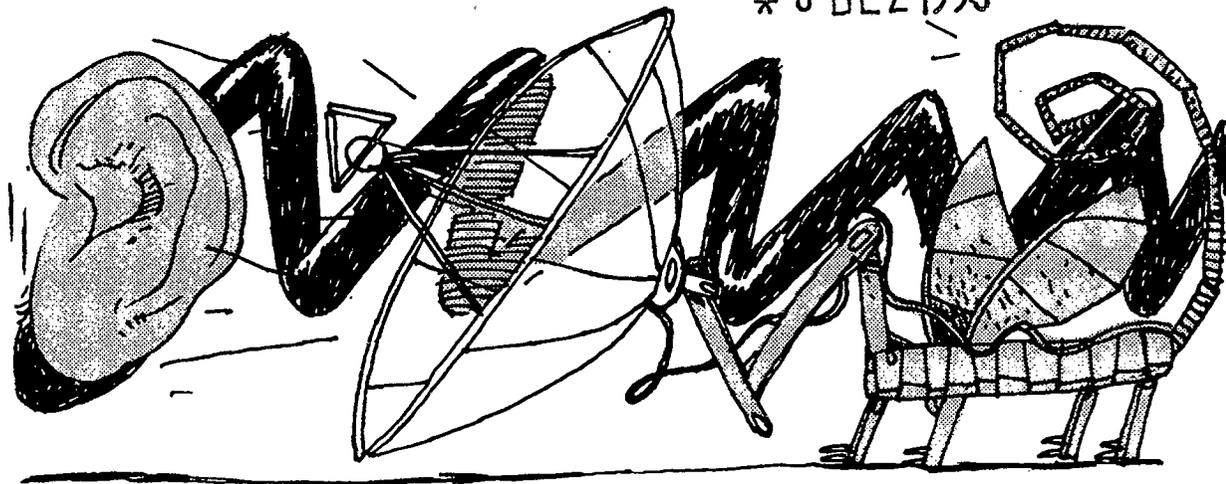
Há muita coisa escondida, com a ponta da cauda de fora ou presa nos arquivos das fitas desmagnetizadas, e outras tantas à mostra nas trapalhadas das explicações pela metade ou que batem cabeça no contraditório das meias-verdades ou das mentiras inteiras, que ajuda a entender as aflições e dubiedades do governo nessa novela de horror do contrato do projeto do Sistema de Vigilância da Amazônia, o já famoso, popularíssimo Sivam.

O presidente Fernando Henrique não está à vontade nas mudanças súbitas de humor, nos sulcos que vincam os cantos da boca, nas alternâncias do temperamento e nas mudanças de tática, em risco de ziguezague da hesitação, da inconstância da dúvida ou dos arripes do receio.

Ainda agora, em mais uma pirueta, tenta botar uma pedra em cima do buraco negro, respaldando-se na Comissão de Defesa Nacional para manter o projeto azarado e, no mesmo lance, transferindo para a Supercomissão do Senado a batata quente de reexaminar os esconsos das denúncias de superfaturamento do contrato de US\$ 1,4 bilhão.

O governo está querendo mudar de assunto. Assim como o tagarela que não policia a língua, solta uma inconveniência e tolda o clima com constrangimento. Até que alguém quebra o gelo, encaixando outro tema na pausa de silêncio. O alívio é geral.

O governo está muito sem jeito. E tem suas razões. Além do sabido e do ignorado, sobram motivos para atazanar-se: sombras projetadas no pano de fundo político. Na parada do Sivam o presidente Fernando Henrique não está jogando apenas os três anos e poucos dias do seu mandato. Empilham-se no pano verde as fichas dos três anos e mais as dos quatro anos seguintes. Sete anos de poder excitam e desafiam o esquema de apoio de FHC.



Os que com ele emplacaram a vitória no primeiro turno de 94, com todo o jeito de segundo — aliados mais sagazes, que enxergaram longe— e os que aderiram depois, na atropelada do oba-oba.

Ora, o esquema que se consolidou com a série de vitórias parlamentares na aprovação em cascata do lote inicial das emendas constitucionais anda refazendo as contas das vantagens e prejuízos do desmonte com o incêndio do Sivam. Descarte-se a clássica alegação de que ainda é cedo para a sucessão. Pois quem mais dela se ocupa é exatamente a turma oficial, que só falava em reeleição e só calou de uns dias para cá. Exatamente quando o tempo virou.

A sobrevivência do sistema que se acomoda no governo tem sua viabilidade condicionada pelo desempenho de Fernando Henrique, com a sustentação do êxito que mantenha em níveis razoavelmente aceitáveis os seus índices de popularidade.

A reeleição é mais do que simples manobra abanada pela ambição do principal interessado. Mas, a preliminar da abertura das articulações para preservar a aliança do PSDB com o PFL e seus variados penduricalhos. A sorte do acordo

estará selada se e quando a hipótese da reeleição for desqualificada por falta de sustentação popular.

Não se trata de acordo qualquer, de mais um na rotina dos alinhavos de conveniência eleitoral. Montado no feitiço de leque, inovou na aceitação esperta pelo centro da candidatura que se apresentava como identificada com sua origem de esquerda. E que subiu lenta, mas firme, nas pesquisas, com a crescente aprovação do plano econômico. A adesão das faixas mais pobres, cooptadas pela sedução do real que aumentou sua modesta capacidade de compra, minou as bases da candidatura de Lula, o único adversário temido, líder na fase enganosa dos primeiros registros das tendências do eleitorado.

Fernando Henrique, como o outro Fernando de 90, foi adotado como candidato depois do malogro de todas as candidaturas prioritárias. Com a diferença de que Collor não foi um candidato natural, mas oriundo da mesma banda ideológica. O Fernando sociólogo pende para a esquerda nos deslocamentos pelo meio do campo.

Não há nos quadros do PSDB substituto capaz de passar pela goela do PFL. Nem o PSDB admite apoiar candidato pefelista. O enter-

ro da reeleição assinalará o fim da aliança e o toque de debandar. Daí por diante a especulação desorienta-se pelas muitas veredas teóricas.

Dependendo, em medida decisiva, dos rumos que a esquerda seguir e da reação das pesquisas. Aposta-se na terceira candidatura de Lula como favas contadas. O PT não tem opção que resguarde sua unidade. E os eventuais parceiros da montagem da frente da unidade da esquerda contam muito pouco. Não apenas pela notória fragilidade de legendas nanicas ou de siglas de porte médio em queda livre para as funduras da decadência. Mas, e também porque, no frígido dos ovos, quem decide é o voto do eleitor cada vez mais livre, mais independente e distante de compromissos com partidos, que deixaram de ser referências do voto.

Lula forte nas pesquisas pode ser ainda o fantasma que apavore o centro. Mas, o candidato alternativo será indicado pelos índices de preferência da sociedade. Com a inversão do processo de escolha em curiosa cambalhota: siglas sem base popular curvando-se à preferência do povão.

Tudo, é claro, se não der certo o jogo dos sete anos.